



A Amazônia e a COP 30: um palco de disputa entre a bioeconomia e agroecologia

The Amazon and COP 30: a stage of dispute between bioeconomy and agroecology

NASCIMENTO, Diocélia Antônia Soares do¹; SILVA, Luis Mauro Santos²

¹Doutoranda do PPGAA/INEAF/UFPA, dioceliasoares2@gmail.com; ²Docente do PPGAA/INEAF/UFPA; lmsilva@ufpa.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: A bioeconomia e a agroecologia são ideias distintas sobre desenvolvimento e Amazônia. O presente estudo tem como objetivo apresentar reflexões críticas em torno da mais atual dicotomia conceitual entre bioeconomia versus agroecologia. Trata-se de um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, com um levantamento bibliográfico sobre importantes autora(e)s que estudam os dois termos e explicitar a dicotomia conceitual entre ambos. Em síntese, a bioeconomia ainda é um debate em construção na América Latina, sendo apresentada, no Brasil, como uma política estruturante, mas que apenas reforça a vertente da economia neoclássica (economia ambiental), reforçando o atual modelo de desenvolvimento. Diferente da perspectiva agroecológica, que busca na economia ecológica uma incontestável ruptura com a atual apropriação de saberes e fazeres tradicionais na Amazônia. Precisamos internalizar este debate crítico na COP30, permitindo um real protagonismo dos povos e comunidades amazônidas.

Palavras-chave: economia ambiental; economia ecológica; sociobiodiversidade; sustentabilidade.

Introdução

À primeira vista, muitos compreendem que tanto a bioeconomia quanto a agroecologia são distintas ideias de se buscar processos socioprodutivos mais sustentáveis. Ambas possuem abordagens pautadas na produção agrícola e gestão da natureza, e apesar de possuírem semelhanças em comum, seus pilares estão pautados em princípios distintos e racionalidades produtivas antagônicas.

Se por um lado, Luciano Zanetti Pessoa Candioto (2020) apresenta diversos conceitos de agroecologia, a concluindo como movimento, prática e ciência, de caráter multidisciplinar, multiescalar e multidimensional de uma agricultura resultante de diversas práticas socioculturais populares praticadas por camponeses. Por sua vez, Rodrigues et al. (2023, p. 122) atentam à concepção do desenvolvimento sustentável da agroecologia não subsumida às orientações do mercado capitalista, que possui singularidades regionais e historicamente determinadas, diferenciando-se de uma localidade, ou país, para outra. Em ambos os casos, a dimensão ecológica representa um diferencial perante a economia convencional que submete tudo ao mercado capitalista.

Por outro, o termo bioeconomia traz princípios muito próximos dos da agroecologia. Surge, inicialmente, em estudos baseados nas leis da física, sendo o processo



bioeconômico o qual a espécie humana extrai recursos naturais que estão com energia de baixa entropia, utilizando tal energia, por meio de um processo irreversível entrópico, gerador de resíduos (GEORGESCU-ROEGEN, 1975). O autor destes estudos, o matemático e economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen, já apresentava uma desconfiança com os princípios da economia neoclássica – vigente até então – sugerindo que a economia deva ser um subsistema dentro do ecossistema, baseada em leis naturais, sobretudo a lei da entropia.

Porém, em abordagens atuais, o termo bioeconomia passou a ser utilizado em estratégias que reforçam os princípios da economia convencional, mas acrescidos da dimensão ambiental, ou seja, colocando valor monetário nas dimensões sociais e ecológicas.

Sabendo desse panorama teórico, se infere que o objetivo desta proposição acadêmica é apresentar reflexões críticas e urgentes entre as dicotomias bioeconomia e agroecologia, desenvolvimento e sustentabilidade sobre a Amazônia. A importância deste debate crítico se materializa pelo atual “assédio” econômico que o Bioma Amazônia vem sofrendo, apontado um novo processo de pilhagem dos saberes e fazeres dos povos e comunidades tradicionais.

Metodologia

Este resumo expandido é um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, sendo levada a cabo com um levantamento bibliográfico, visando identificar os principais autores e trabalhos nos principais periódicos e livros de áreas afins que tratam da bioeconomia e da agroecologia como paradigmas, observando distintos enfoques teóricos e aplicabilidades sobre os dois termos.

Este levantamento bibliográfico proporcionou uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que se contempla a relação dos fenômenos sociais (incluindo o econômico), naturais e biológicos através de minuciosa descrição de fenômenos negativos decorrentes das mudanças climáticas e dos elementos conceituais que envolvem as abrangências da biodiversidade para com a bioeconomia e agroecologia.

Resultados e Discussão

Em maio de 2023 foi confirmado que o Brasil será o país sede da 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP-30), em novembro de 2025, em Belém (PA) - o mais importante evento sobre o meio ambiente do planeta – que chama ao debate, além das mudanças climáticas, a construção de alternativas sustentáveis para manter o equilíbrio terrestre (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2023).

A realização da COP 30 se mostra como uma ferramenta de diálogo entre diferentes representantes dos estados nações sobre o momento histórico profundamente agressivo para o planeta e à humanidade, com múltiplas crises em todos os aspectos: social, econômico, ambiental, político e de saúde devido a pandemia da



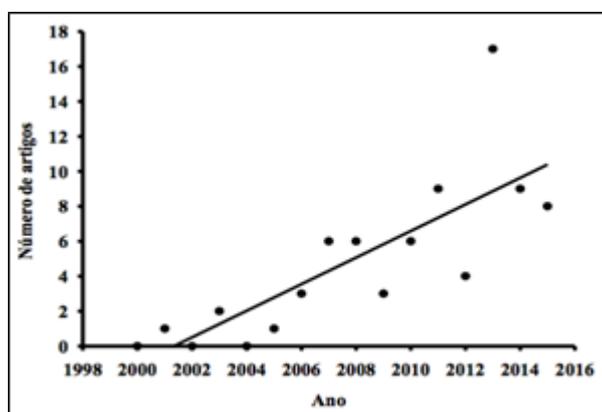
Covid 19, mostrando mais nitidamente as imensas desigualdades vivenciadas e o acesso aos bens básicos para uma vida digna.

Com isso, mais uma vez assistimos o mundo preocupado em encontrar soluções viáveis para proteger a Amazônia, seus habitantes e sua rica sociobiodiversidade, lançando mão de programas, políticas e recursos financeiros a fim de orientar o tipo de desenvolvimento pensado e projetado para este emblemático bioma tropical.

Nesse sentido, nos deparamos com o empenho de centenas de organizações (públicas e privadas) para debater o futuro da Amazônia, considerando o desenvolvimento com a floresta em pé, ocasionando debates acadêmicos, políticos e econômicos, considerando sempre o potencial econômico que a integrará ao mundo e assim a livrará de sua exploração e total destruição, como muitos afirmam.

Entre tantos modelos de desenvolvimento propostos, o que mais tem emergido atualmente consiste na bioeconomia, termo exógeno ao contexto amazônico e fortemente mobilizado pela lógica quimista da agricultura. Sua abordagem, vem sendo incorporada em políticas e estratégias públicas, editais de financiamentos e investimentos para promover uma suposta transição do modelo hegemônico de desenvolvimento econômico para modelos alternativos, de baixo carbono, de manutenção da biodiversidade e redução do desmatamento.

Figura 1. Frequência de publicações sobre bioeconomia no campo do agronegócio entre 2000 e 2015.



Fonte: FOGUESATTO et al. (2017, p. 3).

Importante frisar que a abordagem de bioeconomia no Brasil vem sendo aplicada, principalmente, para o desenvolvimento de cadeias de valor, muito semelhante a tendência europeia-estadunidense para exploração e valoração da natureza (COSTA, 2021; OLEJ et al., 2013; WILLERDING et al., 2020). Ao serem colocadas em prática, essas políticas e estratégias produtivas avançam sobre os territórios, exigindo grande demanda por recursos financeiros para pesquisa, tecnologia, inovação e recursos humanos especializados a fim de favorecer o próprio processo de transformação contínuo dos meios de produção voltados para o crescimento econômico (BIRNER, 2018), sem, no entanto, agregar em seus procedimentos os



conhecimentos, saberes e práticas tradicionais, as adaptações aos meio e condições ecológicas e econômicas locais, pois tais características não são captadas pelo sistema de valoração econômica atual.

Por outro lado, temos a abordagem em Agroecologia, termo endógeno e fortemente pautado em experiências produtivas ancestrais, com acúmulo de conhecimentos, experiências coletivas baseadas na natureza, orientada à segurança e soberania alimentar das comunidades locais, fortemente vinculadas às cosmovisões de mundo dos povos da floresta, suas funções simbólicas e agricultura sustentável em equilíbrio com o meio ambiente circundante (LEFF, 2022).

Segundo Leff (2002), os fundamentos da agroecologia como ciência não se materializam somente através uma caixa de ferramentas devidamente produzida para ser usada em qualquer lugar, como se faz com a ciência hegemônica, pois ela considera as condições culturais e comunitárias das populações locais, suas práticas socioculturais e arranjos comunitários nas práticas e métodos de produção da agricultura sustentável.

Importante destacar que, para um debate crítico sobre a crise ambiental e as consequências vivenciadas e que ainda podem surgir, é fundamental que a sociedade possa questionar os paradigmas teóricos propostos para o desenvolvimento das Amazônias dentro da Amazônia que impulsionam e legitimam o crescimento econômico a partir da apropriação e utilização da natureza para fins econômicos.

O grande questionamento que precisa estar presente nos debates em prol do desenvolvimento e sustentabilidade da Amazônia nos próximos anos é por qual motivo os princípios da agroecologia não se fazerem presentes nas discussões que definem critérios e políticas para reconstrução da economia para manutenção dos ambientes naturais, produção de alimentos e segurança alimentar e uma alternativa viável perante as mudanças climáticas.

Conclusões

A bioeconomia como política pública e estratégia de desenvolvimento ainda é um debate que precisa ter protagonismo social. No caso do Brasil, é apresentada como uma política estruturante, a exemplo da implantação da chamada *Amazonia 4.0*, proposta por Carlos Nobre (AMAZÔNIA+21, 2019), que, ao tratar de bioeconomia e Amazônia, os trabalhos empíricos reforçam a vertente da economia ambiental (neoclássica), antagônica a perspectiva agroecológica.

Por outro lado, a agroecologia vem consolidando suas bases conceituais, dentro de princípios ecológicos e valores culturais (LEFF, 2022), mas não recebe a mesma atenção midiática, dos legisladores de políticas públicas e do empresariado que se mobiliza para promover a “bioeconomia amazônica”.



Em síntese, a falta de um protagonismo dos sujeitos amazônidas, nos impõe, novamente, o processo excludente e exógeno orientado para o viés estritamente econômico de apropriação da natureza para práticas de expansão de cadeias produtivas que atendam ao mercado globalizado.

Chamamos atenção ao debate crítico e inadiável em torno da disputa entre esses dois termos (bioeconomia e agroecologia), que, infelizmente, não recebem a mesma atenção, mas que precisa estar presente nos espaços da COP 30 sobre a Amazônia no cenário global.

A bioeconomia é apresentada em um formato sofisticado de valoração da natureza, via vertente da economia ambiental, introduzida no meio social por pessoas e entidades externas e induzida aos sujeitos locais, com apropriação econômica do patrimônio social, cultural e ambiental, passivamente consentida pelos sujeitos.

Já a agroecologia apoia uma participação ativa dos sujeitos, incentiva a valorização de experiências que preservem o caráter ancestral dos sujeitos, a conservação dos solos; o manejo de processos ecológicos; a diversidade de cultivos com espécies silvestres e; da complexidade e do protagonismo de sujeitos amazônicos.

Acredita-se em uma economia ecológica para os territórios amazônidas, de reconhecimento e valorização dos múltiplos saberes, fazeres, sabores e as identidades dos povos e comunidades tradicionais.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA/INEAF/UFGA) e à CAPES pela concessão da bolsa de doutorado, o que possibilitou minha contribuição acadêmica com a ciência no Brasil.

Referências bibliográficas

AMAZONIA+21. **Amazônia 4.0. A criação de ecossistemas de inovação e o enraizamento de uma nova bioeconomia. Entrevista especial com Carlos Nobre. 2019.** Disponível em: <https://amazonia21.org/amazonia-4-0/>.

Acesso em: 20 de janeiro. 2022

BIRNER, Regina. Bioeconomy Concepts. In: **Bioeconomy: Shaping the Transition to a Sustainable, Biobased Economy.** [s.l.] Iris Lewandowski, 2018. p. 17–38.

CANDIOTTO, Luciano Z. P. Agroecologia: Conceitos, princípios e sua multidimensionalidade. **AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 25, 2020. Disponível em:

<https://saber.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/26583>.

Acesso em: 08 de junho 2023.



COSTA, Francisco de A. et al. Bioeconomia da sociobiodiversidade no estado do Pará. [s.l.] Sumário Executivo, DF: **The Nature Conservancy (TNC Brasil)**, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Natura., 2021.

FOGUESATTO, Cristian R.; ARTUZO, Felipe D.; OLIVEIRA, Letícia de; SOUZA, Ângela R. Agenda de pesquisa da bioeconomia: Um estudo no campo do agronegócio. **Revista ESPACIOS**, Vol. 38 (Nº 04) Ano 2017, 9 p.

GARCÍA, Luis M. H. [org.]. **Agroecologia: princípios e fundamentos ecológicos aplicados na busca de uma produção sustentável**. Canoas, RS: Mérida Publishers, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE | Cidades@ | Pará | Bragança | Pesquisa | Censo | Amostra - Deslocamento**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/braganca/pesquisa/23/24053?detalhes=true>. Acesso em: 08 de julho. 2023.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental**. II Seminário Internacional sobre Agroecologia, Porto Alegre, 26 a 28 de novembro de 2001. Traduzido ao português por Francisco Roberto Caporal, em janeiro de 2002. O original, em espanhol, está disponível em www.emater.tche.br. Disponível em: https://www.projetovidanocampo.com.br/agroecologia/agroecologia_e_saber_ambiental.pdf. Acesso em: 28 de novembro. 2022

MINISTERIO DO MEIO AMBIENTE. ONU confirma Belém (PA) como sede da COP-30, a conferência para o clima. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/05/onu-confirma-a-belem-pa-como-sede-da-cop-30-conferencia-para-o-clima>.

OLEJ, Beni et al. **Bioeconomia: uma agenda para o Brasil**. Brasília: Confederação Nacional da Indústria, 2013.

SAKAGUCHI, Angela K.; RIBEIRO, Willame de O. A atividade pesqueira e a centralidade urbano-regional de Bragança/PA. **Formação** (Online), v. 27, p. 177–207, 2020.

VALIATI, Paulo H.; CARVALHO, Miguel M. X. de. Agroecologia no Brasil: história e polissemia de um conceito. In: GARCÍA, Luis Manuel Hernández [org.]. **Agroecologia: princípios e fundamentos ecológicos aplicados na busca de uma produção sustentável**. Canoas, RS: Mérida Publishers, 2021.

WILLERDING, André. L.; SILVA, Leonardo R. da; SILVA, Roseana P.; ASSIS, Geison M. O. de; PAULA, Estevão V. C. M. de. Estratégias para o desenvolvimento da bioeconomia no estado do Amazonas. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 98, p. 145–166, abr. 2020.